



**ANNIE ERNAUX, FOTOGRAFIA E MEMÓRIA AFETIVA: UMA ARTICULAÇÃO
ENTRE LINGUAGEM, IMAGEM E EXPERIÊNCIA**

***ANNIE ERNAUX, PHOTOGRAPHY AND AFFECTIVE MEMORY: AN
ARTICULATION BETWEEN LANGUAGE, IMAGE AND EXPERIENCE***

Rebeca Franco Fonseca de Freitas¹
Universidade Federal de Pelotas, UFPel
Associado/a/e ANPAP: Não

Ana Beatriz Reinoso Rosse²
Universidade Federal de Pelotas, UFPel
Associado/a/e ANPAP: Não

RESUMO

Este artigo busca refletir sobre os cruzamentos entre a obra literária de Annie Ernaux, *L'usage de la photo* (2005), e a fotografia como prática estética e documental atravessada pela memória afetiva. Partindo da literatura da escritora e do entendimento da fotografia como traço e vestígio do real, a pesquisa articula os planos da linguagem, da imagem e da subjetividade. A escrita de Ernaux e a leitura das imagens fotográficas aqui propostas compartilham uma perspectiva comum: a de reinscrever a memória como processo de criação, evocação e partilha.

Palavras-Chave: Palavras-chave: Annie Ernaux. Fotografia. Memória afetiva. Linguagem. Imaginário.

ABSTRACT

*This article seeks to reflect on the intersections between Annie Ernaux's literary work, particularly in the book *L'usage de la photo* (2005), and photography as an aesthetic and documentary practice permeated by affective memory. Based on the concept of characteristic of the French writer, and the understanding of photography as a trace and vestige of reality, this research articulates language, image and subjectivity. Ernaux's writing and the reading of the photographic images, proposed here, share a common perspective: reinscribing memory as a process of creation, evocation and sharing.*

KEYWORDS: *Annie Ernaux. Photography. Affective memory. Language. Imaginary.*



Este artigo explora as articulações entre literatura, fotografia, memória afetiva e imaginário; tendo como eixo norteador a obra da escritora francesa Annie Ernaux, *L'usage de la photo* (2005). Seu livro é marcado por uma escrita direta, crua e profundamente poética, oferecendo um terreno fértil para pensar os modos como a memória se manifesta através da fotografia enquanto construção subjetiva e coletiva, atravessada por afetos, lacunas e reenquadramentos do imaginário.

Paralelamente, esta pesquisa compreende a fotografia como linguagem visual e como vestígio, um traço do real que permite sua evocação em outras camadas de sentido. A discussão apresentada abarca dois projetos de dissertação desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Artes (CA/UFPel), na linha de Pesquisa Educação em Artes e Processos de Formação Estética, vinculada ao PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação, orientados pela Profª Dª Cláudia Mariza Brandão.

O presente trabalho apoia-se em um referencial teórico interdisciplinar que articula: teorias da imagem, da fotografia e da literatura autobiográfica. Trazendo uma reflexão sobre a experiência subjetiva da imagem fotográfica especialmente a partir dos conceitos de *punctum*, de Roland Barthes (1997), fundamental para pensar a dimensão afetiva e simbólica da fotografia. Complementarmente, os pensamentos de Philippe Dubois (2012), buscando ampliar a compreensão da fotografia como um traço e testemunho de uma presença.

No campo da literatura, destaca-se a obra *L'usage de la photo* (2005), escrita por Annie Ernaux em coautoria com Marc Marie, que fundamenta a reflexão sobre memória, afeto, experiência e ficcionalização do real. A escrita de Ernaux se configura como um exercício de autobiografia crítica, entrelaçando as dimensões pessoal e coletiva da experiência, dialogando diretamente com os fundamentos teóricos da linguagem visual.

Por fim, os estudos de Jean-Louis Comolli (2008) aprofundam as relações entre ver e poder, imagem e narrativa; apontando para as implicações éticas e políticas da



produção imagética na contemporaneidade. Esse conjunto teórico permite sustentar a análise das imagens enquanto textos abertos, sensíveis às camadas do simbólico, do afetivo e do histórico.

Esta investigação parte de uma perspectiva metodológica que privilegia a leitura sensível de imagens, em diálogo com referenciais da semiótica da fotografia e com teorias da memória e da autobiografia. A partir desses aportes, a análise se constrói como um exercício hermenêutico no qual a imagem não é um objeto a ser decifrado, mas um campo de sentidos em constante transformação.

Annie Ernaux é autora de uma produção literária cuja singularidade reside na articulação entre o pessoal e o social, o íntimo e o histórico. A autora utiliza sua própria vida como matéria-prima, sem, no entanto, cair em um relato puramente factual ou confessional. Trata-se de uma escrita que performa a memória: que reencena o vivido com base em uma ética da honestidade emocional e em um compromisso com o pensamento crítico.

Sua escrita é marcada por um estilo direto, cotidiano e carregado de potência poética. A própria Ernaux cunha o termo *autossociobiografia* (Ernaux, 2023) para descrever seus livros, nos quais o relato de experiências pessoais (como o aborto, a doença e morte da mãe ou um caso amoroso) é atravessado por análises do contexto social e político em que tais eventos se deram. Essa forma de narrar evidencia que a constituição do sujeito se dá sempre em relação com estruturas coletivas.

No campo da imagem, esta pesquisa compreende a fotografia como um vestígio, uma marca deixada por um instante que não se repete. Tal entendimento encontra respaldo nos estudos desenvolvidos e aplicados ao campo da fotografia por autores como Philippe Dubois e Jean-Louis Comolli (2008). Para esses pensadores, a fotografia possui um valor indicial porque resulta de uma inscrição direta do real sobre a superfície sensível.

Dubois (2012) reforça essa compreensão ao afirmar que a gênese da fotografia está na sua capacidade de gerar uma continuidade momentânea com o mundo. Mesmo



com as transformações tecnológicas e o avanço dos dispositivos fotográficos, persiste a ideia de que a fotografia é um testemunho do que existiu, ainda que essa existência esteja sempre sujeita à interpretação, ao corte e ao enquadramento.

A memória, neste trabalho, é entendida como uma forma de ficção. Não recorda-se tudo, e as lembranças podem ser atravessadas por lacunas, desvios, afetos e reorganizações. Cada nova mirada sobre uma imagem fotográfica é capaz de ativar memórias diferentes ou mesmo de produzir novas formas de significação.

Nesse sentido, a fotografia não é apenas um documento do passado, mas um ativador de presente. Ela convoca o olhar, exige uma resposta, propõe um reencontro com aquilo que já foi, mas nunca da mesma maneira. A cada observação, o sentido se reorganiza. A memória, assim como a imagem, é instável, maleável e profundamente subjetiva.

Annie Ernaux apresenta uma escrita com uma forte potência imagética. A ganhadora do prêmio do Nobel de literatura em 2022 produz imagens mentais com tamanha força sensorial que seus livros podem ser lidos como um exercício de visualidade. Ernaux parte de um enquadramento fotográfico em sua forma de observar o mundo, como se cada cena narrada fosse composta pela lente de uma câmera sensível ao tempo, ao espaço e às tensões da vida social.

Essa capacidade de transformar palavras em imagens mentais aproxima sua literatura da prática fotográfica. Sua escrita não busca fixar uma verdade definitiva sobre o passado, mas reinscrevê-lo de modo a iluminar aspectos antes invisíveis ou silenciados. Tal gesto se assemelha à leitura das imagens propostas em *L'usage de la photo*, que se dá de modo aberto, subjetivo e atento aos atravessamentos afetivos da autora.

L'Usage de la photo, escrito em conjunto por Annie Ernaux e Marc Marie, é uma obra híbrida que combina literatura e fotografia para narrar uma experiência íntima e marcante. O livro é estruturado a partir de fotografias de cenas do cotidiano do casal,



tiradas depois dos momentos de intimidade, acompanhadas das reflexões que essas imagens provocam ao serem revisitadas.

A obra cruza memória, autobiografia e reflexão sobre a relação entre palavra e imagem, demonstrando como as fotografias servem como vestígios do passado e desencadeiam lembranças e interpretações subjetivas. Ernaux e Marie exploram como o ato de fotografar transforma a percepção da realidade e do tempo. Além disso, revelam como as imagens podem funcionar como formas de resistência frente ao esquecimento, considerando que, às vezes, apenas palavras não podem, ou não conseguem, lutar contra ele.

O câncer de Ernaux, embora não seja o tema central do livro, transpassa a narrativa e afeta a forma como as fotos são interpretadas. A doença impõe uma nova consciência do corpo e do efêmero, impactando a relação da autora com as imagens e com a escrita.

A leitura das imagens realizadas por Ernaux configura-se como um gesto autoral. Nesse sentido, a produtividade interpretativa está ancorada na capacidade da autora de produzir sentidos a partir de sua experiência subjetiva diante das imagens. Trata-se de uma leitura que escapa da obviedade e da neutralidade, pois assume a parcialidade e a afetividade como formas legítimas de aproximação.

É a partir da relação entre imagem e memória, entre vestígio e afeto, que a interpretação se constroi. A fotografia, enquanto linguagem, é compreendida aqui por seus planos sintáticos (a composição formal da imagem) e semânticos (os sentidos possíveis). Conforme Barthes (1997), a conotação corresponde ao campo simbólico da imagem, acessado pela evocação subjetiva.

Portanto, ao refletirmos sobre imagem, imaginário, memória e literatura na obra de Annie Ernaux é possível compreender as diversas imbricações entre fotografia e memória afetiva. Propõe-se, assim, uma leitura transdisciplinar, na qual o texto e a imagem se entrelaçam como formas de reinscrição do vivido. Ambas as linguagens, a literária e a fotográfica, oferecem possibilidades de evocação, partilha e



reconstrução da memória, não como arquivo estático, mas como campo de disputas, afetações e reinvenções constantes.

A memória, como aqui discutida, não é uma narrativa única nem fechada. Assim como na escrita de Ernaux, ela se revela nos detalhes, nos silêncios, nos gestos cotidianos e nas imagens que resistem ao apagamento. Trata-se de uma memória encarnada, performada e oferecida ao outro como possibilidade de encontro.

Nesse sentido, diante das desigualdades, discutir imaginários é uma oportunidade de atuar com os elementos catalisadores da memória coletiva, individual e afetiva, especialmente quando registradas por meios artísticos como a fotografia e reforçados por meio da literatura. O caráter indicial da imagem fotográfica, como vestígio de um real que não retorna da mesma forma, contribui para construir uma memória que é ao mesmo tempo pessoal e social. A fotografia, nesse contexto, não apenas denuncia, mas também resgata: permite que os afetos emergentes dos contextos de crise e vulnerabilidade sejam inscritos e revisitados ao longo do tempo.

Nesse horizonte, o projeto literário de Annie Ernaux oferece ferramentas valiosas para pensar as relações entre memória, imagem e experiência. A autora, ao propor a *autossociobiografia* como forma narrativa, articula o individual e o coletivo em uma perspectiva que se alinha à produção artística brasileira engajada com questões sociais. Assim como Ernaux encena sua memória a partir de um enquadramento fotográfico, ainda que simbólico, muitos artistas brasileiros também têm mobilizado o poder evocativo das imagens para encenar, performar e denunciar as dores e as potências de um país atravessado por desigualdades estruturais.

A fotografia, enquanto linguagem, permite a inscrição do sensível em meio ao caos. Seja por meio de imagens que capturam a devastação ambiental, o cotidiano de populações marginalizadas ou momentos de resistência e criação, ela se transforma em um campo fértil para a memória afetiva. A cada nova mirada, novos sentidos emergem, desestabilizando verdades fixas e abrindo espaço para uma leitura crítica e poética da realidade. Tal como na obra de Ernaux, a narrativa visual permite pensar



a subjetividade como um processo em constante transformação, atravessado por forças históricas, afetivas e políticas.

Portanto, esta pesquisa reforça como centralidade a literatura e a fotografia como mediadoras da experiência social; tanto a literatura quanto a fotografia são dispositivos que não apenas documentam em *L'Usage de la photo*, mas intervêm, imaginam futuros possíveis e sustentam formas alternativas de habitar o presente. Nesse sentido, o gesto artístico de Ernaux se configura como um ato político, poético e memorial, que resiste ao esquecimento e insiste em criar sentido diante das ruínas do real.

A tensão entre palavra e imagem, entre signo e referente, constitui uma das questões centrais das poéticas visuais contemporâneas e serve como fundamento crítico para refletir os limites e as potências da linguagem, seja ela verbal ou visual. Toda tentativa de significar o mundo carrega, inevitavelmente, a promessa incompleta de representar o real. Como apontam os estudos de Sigmund (1900), há uma falha constitutiva na linguagem: um abismo entre a experiência e sua tradução simbólica, que impede a apreensão total do vivido. Esse hiato, longe de ser um mero obstáculo, é também o que alimenta a potência simbólica da linguagem. As falhas, os deslizamentos e os mal-entendidos são constitutivos do próprio processo comunicativo, que é, por sua natureza, inacabado e errante.

Desse modo, a obra *L'usage de la photo*, se inscreve exatamente nesse campo de tensões. O livro parte de um gesto simples e cotidiano, fotografar roupas espalhadas no chão após o ato sexual, para, a partir dessas imagens, construir uma reflexão profunda sobre o tempo, a memória, a ausência e o desejo. Ernaux articula texto e fotografia para explorar a relação entre o que se vive e o que pode ser narrado, entre o que se vê e o que se diz.

As fotografias das roupas, capturadas em diferentes momentos e registradas como testemunhos silenciosos de uma intimidade, funcionam como vestígios: traços do real que escapam à linguagem, mas que ainda assim insistem em convocá-la.



Imagem 1. *L'usage de la photo*, 2005 (p.106 e 187). Analógica, Ernaux;Marie.

Nesse jogo entre imagem e palavra, *L'usage de la photo* tensiona os próprios limites do signo. A fotografia não ilustra o texto, assim como o texto não explica a imagem: ambos se implicam mutuamente, em uma relação de incompletude que exige a participação ativa do leitor/espectador. A obra opera, assim, como um dispositivo de evocação, o que Barthes chamaria de *punctum*(1997) , em que o que está ausente (o corpo, o gesto, o instante vivido) é justamente o que mais intensamente se faz presente na experiência estética.

Essa abordagem evidencia como a linguagem, longe de ser um sistema estável, é atravessada por lacunas que revelam tanto sua fragilidade quanto sua força poética. A imagem fotográfica, nesse contexto, não funciona como uma simples reprodução do real, mas como um índice do que já não está, um vestígio capaz de ativar a memória afetiva e simbólica. A escrita de Ernaux, por sua vez, busca dar forma ao inominável, àquilo que escapa da organização racional do discurso. Assim, a obra se inscreve numa poética do fragmento e do vestígio, na qual a articulação entre texto e



imagem reflete a própria condição falha da linguagem, ao mesmo tempo em que afirma seu poder de produzir sentidos.

Diante disso, as poéticas visuais contemporâneas emergem como estratégias de resistência e reencantamento do mundo. A imagem, assim como a palavra, é lugar de tensão, mas também de criação. Nesse sentido, fotografar e escrever são modos de pensar e agir sobre o mundo, de produzir sentidos, mesmo diante da instabilidade da linguagem.

A narrativa visual constitui um meio sensível que permite o aguçamento de memórias, uma vez que o registro desperta recordações acerca de pessoas, espaços, tempos e vínculos emocionais. Segundo Candau (2012), ao entrar em contato com situações que remetem ao passado, é possível descortinar traços de construção pessoais. Assim, ao provocar o grupo a criação de imagens analógicas e sua posterior reflexão e rememoração, pode configurar-se, também, como uma experiência de autodescoberta.

O gesto de utilizar a fotografia associada à escrita para externalizar o interno psíquico e lançar luz nas diversas possibilidades de imaginário é um meio eficaz de preservação da memória afetiva frente ao esquecimento (Brandão, 2012). Dubois reflete sobre a analogia entre memória e fotografia ao afirmar: “Em suma, essa obsessão que faz de qualquer foto o equivalente visual exato da lembrança. [...] Ou, em outras palavras, nossa memória é feita de fotografias” (Dubois, 2012, p. 314). Ao aproximar o ato de fotografar do gesto de lembrar acontecimentos aportados na escrita, o autor compara a produção de imagens com o nosso imaginário.

É importante destacar que o surgimento da câmera foi impulsionado pelo desejo de mimetizar o que é visto pelo olhar humano. Nesse sentido, a fotografia pode ser compreendida, também, como um meio que se conecta à experiência da memória, já que permite a inscrição de subjetividades através das lentes da câmera. Ricardo Marín-Viadel e Joaquín Roldán (2012) ressaltam que a fotografia pode representar fatores intrínsecos às condições tanto do fotógrafo quanto do observador. Ou seja,



cada imagem traz consigo significados particulares, estendendo-os a uma multiplicidade de interpretações.

A relação entre fotografia e memória, embora não possa ser delimitada por um marco histórico preciso, constitui uma das tensões mais fecundas da produção artística e teórica desde os primórdios da imagem técnica. A fotografia surge como uma tentativa de fixar o tempo, de cristalizar a lembrança, respondendo ao desejo humano de preservar e compartilhar experiências visuais. É nesse entrelaçamento entre registro e evocação que *L'usage de la photo* (2005), de Annie Ernaux e Marc Marie, encontra sua potência estética e afetiva.

A obra opera precisamente sobre esse ponto de fricção entre o que foi vivido e o que pode ser lembrado, entre o vestígio visual e a reconstrução narrativa. As fotografias que compõem o livro não apenas documentam os rastros de momentos íntimos, mas tornam-se suportes da memória, pontos de ancoragem para a rememoração. Contudo, Ernaux recusa qualquer idealização nostálgica da imagem. Ao invés disso, confronta o leitor com a precariedade e o silêncio da fotografia: ela mostra, mas não explica; conserva, mas não restitui plenamente.

A cada imagem de roupas abandonadas, e a cada texto que a acompanha, Ernaux nos lembra que a memória não é um espelho fiel do passado, mas uma reconstrução subjetiva atravessada por afetos, lacunas e deslocamentos. Assim como a fotografia, a memória é sempre parcial, fragmentária e reinterpretada a cada nova visualização. Nesse sentido, o livro assume a fotografia como linguagem, mas também como falha, ou melhor, como aquilo que permanece quando as palavras não bastam.

A interseção entre fotografia e memória, portanto, é radicalizada em *L'usage de la photo* não apenas como um exercício de evocação pessoal, mas como um gesto de inscrição ética: a memória é aqui mediada pela imagem e pela palavra em um esforço comum de ressignificação. As fotografias tornam-se vestígios do vivido, mas também daquilo que está por se perder. Sejam objetos, pessoas, sentimentos ou mesmo a própria capacidade de lembrar.



Essa ambiguidade entre presença e ausência, entre o que se mostra e o que escapa, aproxima-se da noção de fantasmagoria proposta por Georges Didi-Huberman (2013). Para o autor, a fantasmagoria é uma forma de imagem que emerge justamente do desaparecimento, operando como vestígio de algo que já não está, mas cujo desejo de permanência persiste. Trata-se de uma visualidade atravessada pela perda, pela ausência e pela evocação, que se impõe não pela nitidez, mas pela potência simbólica daquilo que insiste em retornar, mesmo que de forma fragmentada, deslocada ou espectral.

Essa concepção oferece uma chave valiosa para pensar a fotografia enquanto forma sensível de contato com o passado, não como reconstituição exata, mas como evocação marcada por lacunas, espectros e afetos que resistem ao esquecimento. Nesse sentido, é possível estabelecer paralelos entre as lembranças da autora e o conceito de imaginário do filósofo e antropólogo francês Gilbert Durand (2001). O autor defende que existe uma “grande bacia semântica”, onde repousam as imagens primárias: elementos básicos do imaginário humano manifestados em mitos, sonhos, arte e cultura. O imaginário, para ele, é a representação mental construída social e culturalmente ao longo do tempo, englobando símbolos, arquétipos e narrativas que moldam a percepção do mundo.

Dessa forma, a fotografia relaciona-se profundamente à memória e ao imaginário, por capturar e preservar momentos que permitem recordar e reviver experiências sob uma nova luz. Embora congeladas em um instante, as imagens são atravessadas por múltiplos recortes, enquadramentos, contextos e subjetividades, conscientes e inconscientes - como o iceberg freudiano, cujas camadas visíveis ocultam profundidades silenciosas (Freud, 1900).

Marc Guillaume (2003) define a memória afetiva como a capacidade cerebral de recriar lembranças ligadas a experiências emocionais. Ela aflora vividamente diante de “objetos de sutura”, como imagens, músicas e poesias. Ao visitar álbuns fotográficos, as fotografias evocam subjetividades particulares, possibilitando uma experiência ressignificada do passado através do olhar do presente.



Ao explorar essa relação em camadas, entre memória, imagem e afeto, Ernaux reinscreve sua obra no amplo campo das poéticas visuais e afetivas contemporâneas, contribuindo para o debate sobre como lembrar, como narrar, como ver — e o que fazer com aquilo que resta. Assim, *L'usage de la photo* se configura como uma das experiências literárias mais densas e sensíveis sobre o entrelaçamento de imagem, afeto e memória na literatura e na arte contemporânea.

Referências

BARTHES, Roland. A câmara clara. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

BRANDÃO, Cláudia. Entre photos, graphias, imaginários e memórias: a (re) invenção do ser professor, 2012. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br/handle/123456789/1678> . Acesso: 15/03/2024

COMOLLI, Jean-Louis. Ver e poder. A inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Diante da Imagem: questão colocada aos fins de uma história da arte. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2013.

DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios. Tradução Marina Appenzeller. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012.

DURAND, Gilbert. O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

ERNAUX, Annie; MARIE, Marc. L'usage de la photo. Paris: Gallimard, 2005.

_____, Annie. A escrita como faca e outros textos. São Paulo: Fósforo, 2023.

FREUD, Sigmund. (1900). A interpretação dos sonhos In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud 2.ed. Rio de Janeiro, Imago, 1987. v. 4, 5.

GUILLAUME, Marc. A Política do Patrimônio. Porto, Campo das Letras, 2003.

ROLDÁN, Joaquín. Las Metodologías Artísticas de Investigación basadas en la fotografía. In: MARIN-VADEL, Ricardo; ROLDÁN, Joaquín. Metodologías artísticas de investigación en educación. Archidona, España: Aljibe, 2012.¹

¹ Mestranda e bolsista do PPGArtes, do Centro de Artes/UFPEL. Graduada em Cinema, é pesquisadora do PhotoGraphein - Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPEL/CNPq). Email: rebecafrancoff@gmail.com. Lattes: <<https://lattes.cnpq.br/8357939265332100>>



extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

² Mestranda e bolsista no Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGArtes/UFPel), na linha Educação em Artes e Processos de Formação Estética. Bolsista CAPES. Graduada em Letras - Português Francês (CLC/UFPel). Pesquisadora do PhotoGraphein – Núcleo de Pesquisa em Fotografia e Educação (UFPel/CNPq). Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/8717410774687410>>. Email: anabeatrizr.rosse@gmail.com